

ENERGIA ELÉTRICA

Freio na luz para conter IPCA

Com a chuva dos últimos meses, Aneel considera que é momento para reduzir a bandeira tarifária de vermelha para amarela

» RAPHAEL PATI

A partir do próximo mês, o preço da conta de luz ficará mais barato. Com uma melhora nas condições de geração de energia, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) decidiu reduzir a bandeira tarifária de novembro, de vermelha patamar 2 para amarela. A medida foi anunciada ontem e vale para todos os consumidores conectados ao Sistema Interligado Nacional.

Com a mudança, a cobrança passa de R\$ 7,877/100 kWh para R\$ 1,885/100 kWh na próxima conta de luz, em novembro. Segundo a agência, o alívio na tarifa de energia elétrica para o próximo mês só foi possível devido ao aumento do volume de chuvas nas regiões onde há reservatórios com usinas hidrelétricas e, consequentemente, à redução do preço para se gerar energia em grande parte do país.

Mesmo com a alteração da bandeira, a agência ressalta que as previsões de chuva nas regiões onde estão localizados os reservatórios seguem abaixo da média histórica para a época. Diante disso, ainda deve ser necessário o uso das usinas termelétricas para complementar a geração de energia.

Por mais de dois anos — entre abril de 2022 e julho de 2024 — a bandeira tarifária permaneceu verde, o patamar mais baixo. Há quatro meses, a Aneel decidiu aumentar a bandeira para amarela, enquanto em agosto, voltou a ser verde. Em setembro, houve reajuste para bandeira vermelha patamar 1, e em outubro, vermelha patamar 2.

Arquivo/CEMIG



O aumento das chuvas onde há reservatórios possibilitou a redução do preço da energia de R\$ 7,877/100 kWh para R\$ 1,885/100 kWh

O aumento da tarifa nos últimos meses causou impacto direto na inflação brasileira. Em setembro, o subgrupo 'energia elétrica residencial' foi o principal responsável pela elevação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com um avanço de 5,36%. Além disso, a prévia para o mês de outubro já indica que deve haver um novo

aumento da inflação de energia no próximo levantamento.

Para o professor de economia da Universidade de Brasília (UnB), César Bergo, a adoção da bandeira amarela, sem passar outra vez pelo patamar 1 da vermelha, é uma boa notícia para os consumidores. Segundo ele, deve haver um recuo na pressão de preços para o próximo

mês, o que provavelmente vai ser confirmado no IPCA de novembro, além de melhorar as projeções de 2024.

Taxa de juros

Apesar disso, o especialista avalia que o alívio não deve se refletir em uma mudança de percepção do Comitê de Política

Monetária (Copom), que se reúne nos próximos dias 5 e 6 de novembro, para decidir sobre a taxa Selic, atualmente em 10,75% ao ano. "O IPCA-15 veio bastante pressionado, basicamente batendo os 4,5%, isso vai, de fato, levar o Copom a manter essa política monetária restritiva e provavelmente vai elevar em 0,5% a taxa Selic na próxima reunião",



Com o acionamento da bandeira amarela, a vigilância quanto ao uso responsável da energia elétrica é fundamental. A orientação é para utilizar a energia de forma consciente"

Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), em comunicado

avalia o professor.

Mesmo com a redução de preço, a Aneel reforça que é necessário continuar com bons hábitos. "Com o acionamento da bandeira amarela, a vigilância quanto ao uso responsável da energia elétrica é fundamental. A orientação é para utilizar a energia de forma consciente", alerta, em nota, a agência.

Atualmente, as usinas hidrelétricas produzem mais de 60% de toda eletricidade utilizada em residências, indústrias e outras finalidades em todo o país. Quando há níveis reduzidos de água nos reservatórios, as usinas termelétricas devem ser acionadas para atender à demanda nacional, o que encarece o preço final.

MERCADO FINANCEIRO

Rafael Neddermeyer/Fotos Públicas



O cenário internacional, com eleições nos Estados Unidos, e risco fiscal no Brasil justificam alta do dólar

Dólar sobe e atinge os R\$ 5,70

Mesmo com uma agenda esvaziada entre as autoridades e sem divulgação de indicadores, o dólar voltou a subir mais forte no pregão de ontem. Desde o início das operações, a moeda norte-americana permaneceu em um patamar acima do valor de fechamento do dia anterior.

Durante a tarde, o dólar comercial bateu os R\$ 5,70, e manteve a cotação até o encerramento, com um avanço de 0,73% ao final do dia. É o maior valor de fechamento da moeda desde o último mês de agosto. Com isso, o dólar registrou avanço de 0,31% nos últimos cinco dias e fechou em alta pela quarta semana consecutiva, na avaliação semanal. Em outubro, a moeda norte-americana já acumula valorização de 4,26% ante o real, que mantém uma das piores performances entre as moedas de países emergentes. O Índice DXY, que monitora a força do dólar em relação às principais moedas do mundo, registrou avanço de 0,29% no último pregão.

Analistas do mercado financeiro acreditavam em um alívio do câmbio no último dia da semana. Alguns fatores, como a

alta de 2,81% do minério de ferro no Porto de Dalian, na China, assim como o avanço do preço do petróleo Brent, não foram capazes de conter a escalada do dólar a nível global, de maneira ainda mais intensa, no Brasil. O real teve um dos piores desempenhos entre as divisas emergentes, ao lado do won sul-coreano e dos pesos filipino e mexicano.

Na avaliação do CEO do Transferbank, Luiz Felipe Bazzo, a escalada agressiva do dólar é uma resposta ao cenário internacional. De acordo com o especialista, há um temor do mercado em relação a uma possível volta da inflação nos EUA, caso Donald Trump saia vencedor nas eleições marcadas para o próximo dia 5 de novembro.

O candidato republicano prega um crescimento mais robusto da economia dos EUA, com mais tarifas de importação sobre os produtos estrangeiros, o que, consequentemente, impulsiona a alta de preços. "Consequentemente, haveria taxas de juros mais elevadas no caso de ele ganhar a eleição. Isso afasta investidores de bolsas emergentes, como o Brasil", avalia o especialista.

Para o economista-chefe da Nomad, Danilo Iglori, o mercado está cada vez mais sensível a mudanças no ambiente macroeconômico, o que se reflete a cada divulgação de indicadores, comentários de autoridades e eventos.

"De forma geral, isso vem ocorrendo desde o ano passado, quando muitos apostaram no surgimento de recessões como consequência das elevações de juros e as recessões não vieram. O contexto é particularmente complexo em função do alto grau de incerteza nos cenários doméstico e internacional e pela diversidade dos fatores que compõem os balanços de riscos sobre a oferta e demanda por moedas", considera.

Ainda no pregão de ontem, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa/B3) encerrou em leve queda de 0,13%, mesmo com os resultados positivos das commodities, que levaram a um avanço nas ações da Petrobras (PETR4) (0,69%) e da Vale (VALE3) (3,40%). As taxas de DI ajudaram a elevar o resultado da bolsa no último dia da semana. (RP)

GANHAR O COLUNISTAS É MANEIRO, PORRETA E TRI-LEGAL.



Premio Colunistas

Inscriva-se até 31/10 em:
www.colunistas.com.br

Mídia COMUNICAÇÃO LTDA.

ABRACOMP

CORREIO BRAZILIENSE
Você à frente de tudo